

Moeda e Dom, Contrastes e Confrontos:

Preliminares a uma "Economia Geral"

CESARE GIUSEPPE GALVAN

Centro de Estudos e Pesquisas Josué de Castro

Resumo.

A moeda destrói relações de dádiva (dar, receber, retribuir), substituindo-as pela "simples" compra-venda. Esta esgota-se em si mesma, não deixando em princípio relações nenhuma depois de efetuados os dois termos (compra e pagamento; venda e recebimento). A generalização da moeda constituiu o capitalismo, único sistema social capaz de destruir as economias comunitárias articuladas no ciclo da dádiva. Mas as relações humanas “anteriores” (a dádiva, em particular) continuam e até assumem formas novas vinculadas com o mercado. O que foi destruído volta a vicejar: relações de dádiva resistem à destruição e retomam o ciclo. Os homens continuam homens, portanto seres definidos *em* e *com* relações recíprocas. Nada mais natural que as trocas continuem a desenvolver e até ampliar sua variedade. "Dar, receber, retribuir" é um processo em que o homem se exprime diretamente como ser relacional.

Toda vez que o sentido de um debate depende do valor fundamental da palavra *útil*, [...] é possível afirmar que o debate é necessariamente falseado e que a questão fundamental é eludida.

(BATAILLE, 1975, p.27)

... as novas forças econômicas têm como efeito secundário destruir ou enfraquecer todos os "coletivos", da família aos sindicatos, *dissolver todos os laços de solidariedade*, especialmente aqueles construídos contra a lógica bárbara do lucro puro, como as associações de ajuda mútua etc.

(Pierre BOURDIEU)

Antes de introduzir o tema, seja permitido apresentar uma visão não usual de como a economia como ciência se desenvolveu na história. A formulação é referida em Godbout, 1999, à p.160. Esses Autores distinguem "duas maneiras de pensar" em economia:

por um lado, a que a economia clássica inglesa encarna, rematada por K. Marx e mais recentemente por Sraffa; por outro, o projeto da economia neoclássica. Os verdadeiros continuadores da economia clássica, diz Gregory, não são os neoclássicos, mas L. H. Morgan, M. Mauss, e C. Lévi-Strauss.

A razão é que esses Autores, infelizmente bem pouco familiares aos economistas de hoje, pesquisam as "leis de funcionamento de um sistema social global", programa que foi o dos clássicos e sobretudo de Marx. A seguir, vamos considerar algumas dessas contribuições.

1 - Do dom à mercadoria e à moeda

Começemos pela expressão popular: **Me dá um dinheiro aí.**

A frase implica uma contradição: o dinheiro insere-se na sociedade não para realizar doações, dádivas, mas para substituir relações econômicas de outra natureza: dentre essas relações eliminadas salienta-se sobretudo a dádiva, um relacionamento humano que caracterizou grande parte das articulações sociais em épocas que precederam a introdução da moeda. Com a difusão de relações monetárias, esses outros processos sociais - sobretudo a dádiva - são substituídos pelo processo aparentemente mais "simples" da compra - venda, um procedimento mais prático, que possui a vantagem de ser, além disso, mais conforme com a "oração de São Francisco": é dando que se recebe.

Outra implicação dessa novidade (aliás bastante antiga) é que, ao se introduzir o relacionamento monetário, a relação humana implicada numa troca se conclui nela mesma, quase se fecha: deu, recebeu, acabou. Nenhuma implicação recíproca ulterior entre os personagens do evento continua a subsistir uma vez realizada a compra com

o respectivo pagamento. Já paguei pelo que recebi, nada mais devo. Essa é a linguagem do mercado. Ou seja: neste processo a relação humana é o oposto da dádiva que sempre estabelece relações duradouras entre as pessoas, deixando algo da alma humana quase que pregado nos objetos que serviram para realizar o ciclo de dar, receber, retribuir. Um ciclo que se repete, dando continuidade às relações humanas expressadas nos dons, conforme a ampla análise e exemplificação que se encontram no clássico texto de Mauss, *Essai sur le don*.

Portanto, na medida em que relações monetárias se difundem na sociedade tradicional, elas solapam aqueles outros processos que sustentavam até então a vida econômica naquelas sociedades, mormente os procedimentos ligados à dádiva. Para ver um pouco mais em detalhe o sentido dessa revolução na formação histórica da sociedade, vamos considerar - nem que seja por simples acenos - as contribuições de autores como Mauss e Sohn-Rethel.

Partiremos da primeira definição de Mauss a respeito do objeto de seu estudo, o dom, pois é disso que aqui se trata. Ele identifica seu problema com as seguintes palavras:

Qual é a norma do direito e do interesse, que faz com que nas sociedades atrasadas ou arcaicas o dom recebido é obrigatoriamente retribuído? Qual força está na coisa doada, que faz com que o recebedor a retribua?"

Em Mauss esta afirmação marca o rumo para um amplo desenvolvimento da análise contida em seu ensaio, um desenvolvimento que bem mereceu ser considerado como a fundação de um novo enfoque em ciências sociais, muito embora essa contribuição, datada dos anos 20, tenha sido retomada mais ampla e sistematicamente só em tempos relativamente recentes.

Sentimos a este ponto a necessidade de retomar a idéia de uma "*economia geral*", proposta por Bataille, em cujo núcleo central está a "noção de despesa", ou, em outras palavras, o "princípio da perda" (expressões que ele repete freqüentemente). Trata-se da importância da despesa improdutiva que leva em conta os meandros da vida e da prática humana, nem sempre consistentes com princípios de

racionalidade, quando são outros os princípios que regulam o relacionamento e o comportamento humano.

Mas antes, uma premissa. Começaremos com uma citação de Rosa Luxemburg. E naturalmente o discurso não poderá concluir sem voltar à contribuição de Marx em sua análise da mercadoria - a mais substancial até o momento. Rosa Luxemburg intuiu o âmago dessa transformação histórica quando identificou onde, quando e como surge o começo do fim da comunidade (que muitos teimam em classificar como "primitiva"). Trata-se da dissolução daquelas comunidades que formaram o ambiente social em que as relações clássicas de dádiva se desenvolveram:

[...] essa forma de sociedade [a comunidade], graças a sua elasticidade e capacidade de adaptação, mostra uma extraordinária resistência e durabilidade. [...] Há um só contato que ela não suporta, ao qual não sobrevive: é o contato com a civilização européia, ou seja com o capitalismo. O choque com este é mortal para a sociedade antiga por toda parte, sem exceção; ele realiza aquilo que por milênios os mais selvagens conquistadores orientais não conseguiram realizar: dissolver a inteira estrutura social em seu cerne, ***rasgar todos os vínculos*** tradicionais e transformar rapidissimamente a sociedade em um montão informe de ruínas.

Foi um grande leitor de Rosa Luxemburg, Alfred Sohn-Rethel, quem prestou atenção às elaborações de Mauss em seu citado *Essai sur le Don* e chegou assim a completar as observações de Rosa articulando-as com a análise das relações entre dádiva e moeda.

Mas Sohn-Rethel foi também um daqueles que se preocuparam em dar um desenvolvimento ulterior à teoria, partindo da contribuição maussiana. Concentra ele sua atenção naquela revolução social que ocorreu no período em que, pela introdução da moeda, "tudo" - portanto também aqueles "objetos" que costumavam circular nas trocas de dons - tudo passou a assumir (pelo menos tendencialmente) a forma de mercadoria. Deixaremos aqui de lado a explicação que dá Sohn-Rethel a respeito da passagem à forma mercadoria no caso específico da antiga Grécia, passando pela

idade do ferro. Restringir-nos-emos a um trecho em que ele define a natureza dessa transformação social com as seguintes palavras:

Perante esta nova situação, porém, agora já não se pode mais ter confiança na disposição a retribuir a troca de dons: a troca deve experimentar uma transformação profunda, sua própria transformação em troca de mercadorias. Isso significa que aquela reciprocidade que mais cedo ou mais tarde [...] sucedia à doação, agora se acopla estritamente com ela [...], os dois atos da troca se tornam condições simultâneas e recíprocas e são interligados ***na unidade de um único negócio de troca***. Os parceiros dessa relação colocam-se agora reciprocamente um perante o outro como comprador e vendedor no pleno sentido da ação da troca (e de sua negociação).

Uma observação cabe aqui, além das muitas outras que poderiam caracterizar o sentido da presença da moeda (essa invenção revolucionária) na história humana. De certa forma, a irrupção de relações monetárias torna não humanas as relações entre os homens. Foi essa a transformação que deu origem ao fetichismo da moeda: é na moeda que o fetichismo da mercadoria, analisado por Marx em texto clássico, se radicaliza.

Visto por outro lado, isso poderia (ou tenderia a) coincidir com uma quebra nas relações humanas *tout court*: no acoplamento simultâneo mencionado pelo Autor acima ("***na unidade de um único negócio de troca***"), o homem deixa de percorrer aquele caminho em que ele estava concretizando passo a passo suas relações recíprocas de doação, no redemoinho incessante do ciclo tradicional continuamente repetido - dar, receber, retribuir. No lugar do ciclo, surge agora a simultaneidade da compra - venda. O que não aparece na superfície é a obliteração de todos aqueles vínculos que articulavam a vida social e que giravam como que em torno do "dar, receber, retribuir". Sohn-Rethel completa sua visão dessa transformação com uma observação que constitui quase um paralelo com a distinção entre sociedade "primitiva" e "moderna" tão familiar a Godbout e Caillé. Ao distinguir entre relações mercantis e as outras precedentes ele diz:

Sintetizo toda a parte formal da troca de mercadorias sob a expressão de *segunda natureza*, a qual deve ser entendida como uma realidade puramente social, abstrata e funcional em contraste com a natureza primeira ou primária, na qual nos encontramos no mesmo terreno com os animais.

Note-se o paralelismo entre as duas terminologias: socialidade primitiva e moderna (Godbout e Caillé, entre outros); natureza primeira e Segunda (Sohnb-Rethel, seguindo sugestões de Marx). Poderíamos dizer que a natureza evolui com os homens: o que de fato acontece é a transformação social pela qual se revolucionam os laços sociais, portanto também as relações do homem com a natureza.

Em resumo, introduzindo o uso da moeda para dar "solução" (sic!) aos problemas humanos, substitui-se a "convivência humana direta" com "dons alienantes de moeda e mercadorias". A expressão é de Foley; e ainda é muito generosa ao manter o termo "dons" para se referir a trocas monetárias... Generosa, diga-se, e fi

bj²³²³—

particular), aquelas que formavam os elos de relacionamento na comunidade, continuam e assumem novos desenvolvimentos, consolidam-se até mesmo em formas novas vinculadas com as práticas mercantis. O que teria sido destruído volta a vicejar. A este ponto Marx lembraria talvez o ditado: *le mort saisit le vif* (o morto agarra o vivo).

Examinando os mais diversos comportamentos da nossa sociedade, Godbout e Caillé (1999) podem então analisar um sem número de casos de dádiva bem inseridos e consolidados nos costumes nossos de cada dia. Análogas indicações surgem do Seminário Temático 13: *O Paradigma da Dádiva e as Ciências Sociais no Brasil*, apresentado no Encontro anual da ANPOCS em 2001. Moral da história: parece que a dádiva é como o rei: muerto el rey, viva el rey!

É verdade que uma constatação se impõe: essa dádiva moderna, inserida no mundo do mercado e do estado, apresenta características diferentes daquelas da dádiva que esses Autores classificam como "primitiva". E seria estranho que assim não fosse: afinal o mundo não mudou? Mas vamos ver alguns aspectos desse evento.

O dinheiro - sobretudo se apresentado em sua clássica forma de moeda - contradiz tão profundamente as relações de dádiva ... que provoca sua ressurreição antes mesmo de levar a termo por completo sua destruição. A necessidade de relações diferentes daquelas de compra e venda impõe-se tão profundamente na sociedade, que os processos de dádiva que foram destruídos são recriados e outros ainda, que mal sobreviveram, retomam novo alento dentro do quadro social mudado. Só que, se o quadro mudou, eles também mudaram, mesmo ao permanecer.

Podem-se lembrar alguns dados mais aparentes, referindo-nos já ao mundo de hoje: Papai Noel, Páscoa, aniversários, o dia dos pais, o das mães, inúmeros outros "dias de..." que enchem supermercados e shoppings de gente comprando suas "dádivas". Mas os exemplos não param aí: eles vão desde as definições de muitas ONGs que estão se multiplicando até as associações de ajuda mútua mencionadas por Bourdieu. O que resulta daí é uma espécie de embrulho social onde se misturam relações tipicamente mercantis com outras, confirmando os vínculos da socialidade primária bem no coração do mundo moderno: essa socialidade chega a invadir o mercado. Ou não será o mercado que a invadiu?

Temos um primeiro dado: uma nova vida da dádiva.

Um segundo é a constatação que essa "nova dádiva" - embora possua raízes profundas em tradições antigas - apresenta caracteres que a distinguem daquelas outras dádivas articuladas nas sociedades "primitivas". Godbout e Caillé chegam a dedicar amplos desenvolvimentos à distinção e comparação entre as dádivas "primitiva" e "moderna", de acordo com a distinção brevemente comentada acima. Embora sem entrar no âmago dessa discussão (que bem pode ser haurido nos Autores citados), podemos mencionar alguns pontos. Já em seu Prólogo, Godbout e Caillé mencionam uma de suas conclusões a respeito do panorama hodierno: nele encontram

um jogo com um duplo sistema de referência: o sistema do mercado, em que as coisas valem somente entre elas, e o sistema da dádiva, em que as coisas valem o que vale a relação - e a alimentam. (p.18s.)

Boas palavras para lembrar que quando o mercado (e nele o dinheiro) se apresenta como "tudo", ele não vale nem pode valer tudo. Por causa disso, no mundo do mercado e do estado, encontramos o "sistema invisível da dádiva", como se exprime o subtítulo de um item do mesmo Prólogo. Vale a pena rever então, nas palavras dos mesmos Autores, o quadro institucional que assim se formou:

os principais campos da socialidade primária são o parentesco, a aliança, a vizinhança, a associação, a amizade e a camaradagem. Por outro lado, pertencem à esfera da socialidade secundária os campos do teológico-político, da guerra e do intercâmbio mercantil. Se nos reportarmos às quatro esferas distinguidas na primeira parte, as do Estado e do mercado pertencem à socialidade secundária, a esfera doméstica, à socialidade primária, e a esfera da dádiva entre estranhos pertence simultaneamente às socialidades primária e secundária. (p.163)

Não será inútil mencionar quais os papéis das pessoas em nossa sociedade, onde suas relações são às vezes diretas (dádiva, por exemplo) mas na maioria das

vezes indiretas (no mercado, no estado). Nem que seja por uma certo prurido de consistência, mas sobretudo para inserir os vários papéis das pessoas na sociedade de mercado em que vivemos, será útil lembrar uma breve síntese dos nossos Autores nas seguintes palavras

Aqui, a dádiva serve para lembrar a todo indivíduo que ele é único nessa rede pessoal, que ele se situa numa rede formada de seres, únicos uns para os outros, ao passo que, nas organizações onde trabalha ou junto aos comerciantes com quem negocia, desempenham-se papéis intercambiáveis.

O papel da dádiva moderna é mais profunda e individualmente pessoal que o mercado e o estado. Isso vale ainda mais para a dádiva "primitiva", que funcionava diversamente, estando os sujeitos inseridos mais sistemicamente na comunidade, onde as dádivas eram eventos públicos e se praticavam entre grupos.

3 - O vínculo social e a "economia geral" : certeza e dúvidas

É preciso andar muito para alcançar o que está perto.
(Saramago)

O panorama contemplado, ou melhor apenas vislumbrado até aqui é um simples e reduzido bosquejo de contribuições teóricas e empíricas (Luxemburg, Mauss, Bataille, Lévi-Strauss, Godbout, Caillé, etc.) sobre a dádiva, salientando suas relações com o capitalismo e sua persistência e acrescentando poucas notas a propósito de algumas dentre suas complicações. Naturalmente muitíssimo mais se escreveu a propósito e se poderia ainda dizer a respeito de cada um dos pontos que foram aqui apenas mencionados. No entanto eles são suficientes para nos colocar diante dos olhos um conjunto de problemas. E podem até mesmo sugerir o caminho por onde procurar uma resposta ou pelo menos seu rumo.

Resumindo, parece que o processo que destrói as relações de dádiva opera,

mas dentro de certos limites e sujeito a retomar o antigo ciclo da dádiva, nem que seja para imprimir até mesmo nele suas próprias características mercantis, ou pelo menos articulá-lo com o mercado. Olhando mais de perto, porém, não é bem assim. No fundo o que ocorre é simplesmente o fato de que os homens continuam a ser homens, portanto seres definidos *em* e *com* relações recíprocas e com e na natureza. Homem sem relações com outros homens e com a natureza é simplesmente inconcebível. Nada portanto mais natural que a convivência humana em suas formas diretas, continue a operar, mesmo quando outras relações - essas porém mediadas, indiretas - se interpuseram entre os homens e separaram os sujeitos.

Em força disso, as relações de convivência direta (o exemplo é a dádiva) continuam a se desenvolver e a enriquecer sua própria variedade, "apesar" da maior "eficiência" demonstrada agora pelas relações indiretas (leia-se, relações monetárias). Lido conforme esta outra ótica, o impacto da moeda deverá ser o seguinte: se, por um lado, a moeda supera as relações de dádiva e até as destrói pelo fato de ser seu substituto, por outro lado provoca sua ulterior recuperação. Isso lembra-nos que o homem é por sua própria natureza um ser relacional. Nada mais natural, portanto, que ele lance mão das formas mais diversificadas para dar expressão às próprias relações que o definem. Neste ponto reside uma certeza que é fundamental dentro do âmbito complexo de relações acima apresentadas.

Se bem entendemos um texto escrito em linguagem pouco familiar, foi nessa direção que avançou aquele escritor maldito que foi Bataille (1975) ao formular, já nos anos trinta e quarenta, sua contribuição à interpretação teórica dos fenômenos que Mauss tinha descrito em seu clássico ensaio dos anos vinte. Ao encarar o fato de que a humanidade vai gerando para si mesma problemas sempre mais cruciais, encontrou ele um caminho para o entendimento de um dado tão radical numa doutrina que ele mesmo batizou de "economia geral", a qual, como facilmente se pode logo constatar, bem pouco tem a ver com os cânones tradicionalmente considerados como próprios da ciência econômica. Paradoxalmente, porém, muito ela tem a ver com a natureza dos processos reais em que tal "economia" se encaixa.

Essa "economia geral" bataillana parte do princípio básico seguinte: não é a escassez e a pobreza que constituem os problemas que a humanidade precisa resolver; é ao contrário o excesso, a despesa:

não é a necessidade mas seu contrário, o "luxo", que coloca para a matéria viva e para o homem seus problemas fundamentais.

Tal afirmação encontra-se no Prefácio da obra. Coloca sem dúvida a economia tradicional de pernas para o ar. Sobretudo a filosofia subjacente. Naturalmente, muito longo seria o caminho se quiséssemos seguir esse brilhante Autor em todas as trilhas de seu percurso, nem que seja para levantar dúvidas a respeito. No entanto, este aceno poderá ser suficiente para indicar um ponto importante a fim de entender a natureza dos problemas acima apresentados.

O que importa particularmente nessa contribuição é sua tentativa radical de buscar alguma razão de fundo mais geral que domina - como que por definição - todas as formações sociais: "economia geral" foi o nome que Bataille deu à teoria dedicada a essa espécie de força íntima que move a sociedade, ou seja move os homens. Trata-se de uma "economia" que já se desenvolveu inclusive naquele mundo que historicamente ainda não distinguia (muito menos separava) o aspecto econômico das outras características da vida humana: o mundo da "dádiva primitiva". Nesse mundo ainda não tinha acontecido aquela distinção, abstração e especificação da economia que foi definida e problematizada, por exemplo, por Schumpeter em seu primeiro capítulo da *Teoria do desenvolvimento econômico*, a partir do primeiro parágrafo. Note-se que Schumpeter só pode fixar sua distinção por tratar, com exclusividade, de nosso mundo moderno em que relações monetárias são um dado de ordem geral. Não tão geral, porém, que se estenda a todas as outras civilizações.

O que aquelas outras civilizações têm em comum com as nossas - diria Bataille - é a busca do excesso, do "luxo", da realização de "despesa" improdutivo. E é lá que está a raiz dos problemas e - ao mesmo tempo e pela mesma razão - o princípio que caracteriza a "economia geral".

Por outro lado - poderíamos observar a este ponto - "dar, receber, retribuir" é um processo que exprime o ser humano explicita e formalmente como ser relacional. Em suas versões mais originais (na socialidade "primitiva"), longe de reduzir as relações humanas a relações entre coisas como no mercado, os homens exercem suas próprias ligações entre si e as coisas aparecem quase como personificadas,

participando das relações entre os homens: são coisas que carregam dentro de si o espírito (o *hau*) das pessoas. Nas sociedades primitivas, esse processo desenrola-se como um "fato social total" - segundo a expressão de Mauss cara a Lévi-Strauss - que seria inexplicável se fosse reduzido a uma espécie de rascunho daquilo que mais tarde se realizaria nas trocas mercantis. A dádiva não é escambo nem significa um prelúdio ao mercado. Longe disso, o mercado representa (entre outros aspectos) exatamente a destruição desse processo, desse ciclo.

Que a destruição, com todos os avanços que o mercado alcançou, não tenha acabado por completo com o processo de "dar, receber, retribuir" deve-se não a uma suposta falta de força arrasadora do mercado (este é arrasador mesmo), e sim a um dado bem mais simples e radical: os homens, seres por essência relacionais, não deixam de ser homens nem sequer quando vivem em uma sociedade "totalmente" mercantil. Totalmente, *pero no mucho*, faltava dizer. E num mundo em que as relações entre homens são "substituídas", porque mediadas, por relações entre coisas, esses homens dão continuidade e recriam aqueles outros relacionamentos que sempre os definiram.

O **vínculo social** é, portanto, aquilo que constitui a certeza básica nesse debate. Godbout e Caillé o retomam embrulhado na expressão "entre si", acrescentando-lhe a distinção entre o "entre si" primitivo e o moderno. Este último está inserido em um mundo dominado pelo mercado e pelo estado.

Faltam-nos ainda naturalmente muitos desenvolvimentos. Bastará acenar apenas a alguns. Primeiro, as continuidades e diferenciações históricas mencionadas neste texto deveriam ser articuladas também com o desenvolvimento humano das técnicas, pois essas constituem relações que os homens engendram entre si e com a natureza. É nesta direção que se dirige o complemento que Sohn-Rethel aporta à análise de Mauss, quando examina a transformação da sociedade grega e o impacto da moeda. Mas para nós baste aqui acenar ao problema, sabendo que tais desenvolvimentos levariam muito longe.

Mas uma outra anotação deve ser acrescentada ao que foi dito acima. Os desenvolvimentos mencionados (a dádiva com suas variadas formas, a moeda, a superação da dádiva, a continuação, a transformação e as novas formas de dádiva, etc.) não se devem considerar como se se tratasse de algo que mereça, constantemente, uma espécie de sinal positivo na frente. Desenvolvimentos positivos,

implicando portanto até algo de normativo. Pois é do homem que se trata. O homem relacionado é pacífico, mas também destruidor (e aqui Bataille teria muito a dizer). As grandes realizações humanas vão desde as instituições sociais (dáviva, mercado, estado, igrejas são exemplos) até os avanços da tecnologia. Elas foram empregadas para a paz e para as guerras, talvez mais para estas que para aquela. Afinal, algumas das maiores "realizações" humanas foram os grandes conflitos, culminando com aqueles que dominaram o século vinte e ainda continuam no vinte e um.

Concluindo: preliminarmente a qualquer desenvolvimento ou aprofundamento de "economia geral", no estudo da dáviva e de sua história, o mais importante não é estranhar a falta de coincidência de seu ciclo com os mecanismos de mercado; é lembrar que os protagonistas - os homens - continuam a ser homens, seres relacionais. Bataille acrescentaria: fontes de excessos.

Bibliografia

ANPOCS (2001). *XXV Encontro Anual da ANPOCS*. 16 a 20 de outubro de 2001.

Caxambu, MG. Seminário Temático 13: *O Paradigma da Dáviva e as Ciências Sociais no Brasil* (edição em disquetes).

BATAILLE, George (1949). *A parte maldita. Precedida de "A noção de despesa"*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

BATAILLE, George (1974). *Obras escogidas*. Barcelona, Barral, 1974.

FOLEY, Duncan K. *Notes on the Theoretical Foundations of Political Economy*. Apud Auctorem, 1999 (Texto obtido via internet).

GODBOUT, Jacques T. (1999). *O espírito da dáviva*. Em colaboração com Alain Caillé. Trad. Patrice Charles F. X. Wuillaume. Rio de Janeiro, FGV, 1999.

LEVI-STRAUSS, Claude (1947). "Introduction à l'oeuvre de Marcel Mauss", in: MAUSS, Marcel. *Sociologie et anthropologie*. Paris, Quadrige/PUF, 1995, p.ix-lii.

LUXEMBURG, Rosa (1925). *Einführung in die Nationalökonomie*. In: *Gesammelte Werke*. Berlin, Dietz Verlag, 1975, Bd. 5, S.524-778.

MARTINS, Paulo Henrique (2001). "A sociologia de Marcel Mauss e sua atualidade teórica". Texto apresentado na ANPOCS, 2001.

- MARX, Karl (1867). *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie*. Erster Band. Berlin, Dietz, 1977.
- MAUSS, Marcel (1924-1925). *Essay sur le don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques*. In: MAUSS, Marcel. *Sociologie et anthropologie*. Paris, Quadrige/PUF, 1995, p.143-279.
- SARAMAGO, José (1997). *Todos os nomes*. São Paulo, Companhia de Letras, 1997.
- SCHUMPETER, Joseph Alois (1911). *Theorie der wirtschaftlichen Entwicklung*. Sechste Auflage. Berlin, Duncker & Humblot, 1964.
- SOHN-RETHEL, Alfred (1989). *Geistige und körperliche Arbeit. Zur Epistemologie der abendländischen Geschichte*. (Trabalho espiritual e corporal. Para a epistemologia da história ocidental). Rev. und erg. Neuauflage. Weinheim: VCH, Acta Humaniora, 1989. xi(i)226p. Há edição inglesa de uma versão anterior (1978). Uma tradução brasileira está sendo prometida pela HUCITEC há vários anos (antecipação parcial: UFPB, Mestrado em Economia, João Pessoa, Texto para Discussão n.87).